

RASTROS DO COLONIALISMO EM CAXIAS DO SUL



Caxias do Sul, 2023

¹ Rosana Paulino - ¿História natural?, 2016. Livro de artista composto por técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, ponta seca e costura 31,5 × 42,5 × 33,5 cm. Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
Especialização em Educação e Cultura
Professor orientador do projeto: Rodrigo Koch
Acadêmica do projeto: Fernanda Bertoldo
Período de realização: 2022/2023

Sumário

Sensibilizações.....	4
Os vestígios do cotidiano: escritos na e da cidade.....	6
A Caxias de hoje e os indícios de uma trajetória constituída pelo pensamento colonial.....	16
O cotidiano das histórias contadas no território em funcionamento na movimentação metodológica da pesquisa.....	21
Estruturas capturadas para análise.....	25
Análises possíveis: os bens que a cidade escolheu para cuidar.....	43
Decolonizando o pensamento - Podemos olhar de um outro lugar. Qual o seu ponto de vista na produção de um modo de pensar?.....	48
Referências.....	53

Sensibilizações

*Meu modo de pensar é um pensar coletivo
Antes de estar em mim
Já esteve nelas
Rosana Paulino (2023)*

Ao longo do texto o leitor vai encontrar sensibilização. Às tomo como um convite e um chamado à ação, em que as práticas artísticas, educativas e culturais se tornam fundamentais na construção de conhecimentos que se baseiam em troca, compartilhamento, experimentação e estudo.

Com a perspectiva deste movimento as sensibilizações transbordam o pensamento teórico e constroem, na prática, possíveis outros movimentos metodológicos. São ferramentas que não somente nos ajudaram a criar outras narrativas, mas, também, nos levam a repensar as formas de produção e de transmissão dos conhecimentos produzidos até agora.

As sensibilizações são parte das vivências de uma professora branca – que ocupa uma posição hegemônica, mas que ao longo de sua trajetória profissional e pessoal (que se misturam) se tornou sensível na defesa dos invisibilizados – da Rede Pública da cidade de Caxias do Sul, com trânsitos pela Secretaria de Cultura, pela Secretaria da Educação e na formação de professores, que busca na Arte brechas para vislumbrar possibilidade mais efetivas e democráticas de afetos nos diferentes mundos que a educação e a cultura conectam.

Sensibilização 1

2



A obra acima é “Annésia”, do artista plástico Flávio Cerqueira. A obra participou em 2018 da exposição “Histórias afro-atlânticas” e hoje faz parte do acervo do Masp. A escultura em bronze esculpida no tamanho real mostra uma criança negra segurando uma lata de tinta branca sendo derramada sobre seu corpo. Mas, ainda que haja esforço, não é suficiente para cobri-lo por inteiro. A criação de Flávio causou-me um tremendo impacto, seguido de uma grande tristeza.

A obra provoca o pensar e carrega o esforço, o cansaço que toma conta de estarmos num mundo onde alguns *não fazem parte, não são legitimados*. A arte é muito mais do que um objeto de contemplação, costuma nos deixar marcas. Inspirada pela máxima de Ferreira Gullar: “A arte existe porque a vida não basta” (2010).

² Pôster as Mulheres Precisam Estar Nus Para Entrar no Museu de Arte de São Paulo? - Guerrilla Girls

Os vestígios do cotidiano: escritos na e da cidade

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de continuassem todos a trabalhar nas terras que do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela "Lei Áurea", os seus filhos, nascidos do "Ventre Livre" e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada- -madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno.

Conceição Evaristo

A vida na cidade pressupõe interações. Interações entre grupos, entre pessoas com distintas memórias, interações com cada espaço e detalhe da cidade, com os distintos saberes, modos de vida, modos culturais. Interações com os registros, os escritos, as marcas que deixamos. A cidade é palco de encontros, de trânsitos, de saberes, de narrativas que nos constituem e nos atravessam através das linguagens. Pensar em memórias e em quem somos, é pensar em ancestralidade, é compreender um pouco mais de como os atravessamentos foram nos constituindo e constituindo a cidade. Assim, é caro refletir acerca de como a cidade constitui e organiza os espaços para comunicar suas memórias. Segundo Kilomba, é importante lembrar dos percursos de conscientização coletiva, promovido – ou não – pelos espaços museais e de memória, pois uma sociedade que vive na *negação*, ou até mesmo na *glorificação* da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas (2021, p.13).

A presente análise busca identificar as narrativas produzidas e comunicadas pelo patrimônio tombado e pelos espaços museais e de memória da cidade de Caxias do Sul, perguntando-se, a partir da observação e análises das publicações acerca dos mesmos, *quais as formas como a colonialidade permanece veiculada nos equipamentos públicos de formação de memória?*

Tentando identificar, se o pensamento decolonial³ transpôs as narrativas eurocêntricas presentes no patrimônio tombado, nos espaços museais e de memória da cidade de Caxias do Sul.

Inicialmente, ainda no momento de introduzir a pauta, busca-se produzir um cenário acerca das narrativas do território. Importante para perceber qual os modos de funcionamentos e as linguagens que circulam pela cidade. Para isso, foram pinçadas algumas informações publicadas pela administração pública em seus sites e documentos. Antes, para melhor percepção dos escritos, cabe uma ressalva em relação aos limites da língua. Nos estudos realizados por Grada Kilomba, em Memórias da Plantação – livro escrito originalmente em inglês – a tradução para português obriga a autora a trazer uma reflexão, que ademais, nos ajuda na compreensão dos movimentos da cidade.

Por um lado, me parece obrigatório esclarecer o significado de uma série de terminologias que, quando escritas em português, revelam uma profunda falta de reflexão e teorização da história e heranças coloniais e patriarcais, tão presentes na língua portuguesa; por outro lado, porque tenho que dizer que essa tradução é maravilhosamente elaborada, pois traduz um livro inteiro apesar da ausência de termos que noutras línguas, como o inglês e o alemão, já foram criticamente desmontados ou mesmo reinventados num novo vocabulário, mas que na língua portuguesa continuam ancorados a um discurso colonial e patriarcal, tornando-se extremamente problemático. [...]. Não posso deixar de escrever um último parágrafo para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois **cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade**⁴. No fundo, através de suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem pode representar a *verdadeira continuação humana*. (2021, p.14)

Assim, ao lermos os textos, o convite é pensar: Qual o lugar ocupado por aqueles que produzem tais narrativas? Qual a relação desses com os escritos? Quais os jogos de poder e saber estão instaurados?

³ A decolonialidade tem por objetivo uma emancipação em relação aos ideais colonialistas da subjetividade através da formação de um novo pensamento com saberes locais. A decolonização epistêmica, a qual pretende reconhecer a colonialidade e reconhecer outras epistemologias conformando uma resignificação, releitura e atualização do dito. (MIGNOLO, 2007).

⁴ Grifos meus.

As narrativas selecionadas estão alocadas no site da Prefeitura de Caxias do Sul, uma delas criada com o objetivo de apresentar a cidade, já a outra, encontra-se presente nos escritos publicados no item: 'Caxias do Sul: território intercultural', no Documento Orientador Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Caxias do Sul (DOCCX), publicado pela Secretaria Municipal da Educação e homologado pelo Conselho Municipal de Educação (CME), o Documento tem o propósito de orientar os currículos escolares de todo território. Em ambos os textos há pistas de como as narrativas vão produzindo determinados modos de entender e perceber a cidade.

O pequeno recorte feito aqui não pretende subjetivar os modos de olhar para cidade. Pretende, outrossim, trazer alguns pontos iniciais que nos ajudem a pensar a cidade. Para compreender que há, genuinamente, a possibilidade e, sobretudo, a necessidade das instituições que zelam pelos espaços museais e que cuidam dos espaços de memória, legitimarem e acolherem as narrativas presentes no território – isso acabaria reverberando outros modos e saberes, outros olhares.

A pesquisa pretende estimular a produção de outros modos de olhar para a pluralidade presente na cidade, considerando urgente e necessária a *retomada* dos espaços, dos diálogos, da legitimação das vidas, suas histórias e culturas. Compreendendo retomada como um processo de luta dos povos indígenas por suas terras, cuja ocupação era originária. Para muitos povos, esse processo está relacionado à reafirmação de identidades étnicas que foram negadas devido à pressão e à violência do Estado e da colonização. Neste movimento, são muitas as dificuldades enfrentadas por povos em retomada, como o descaso do poder público e o preconceito da sociedade. “Somos um povo que não temos um território demarcado e por isso nós somos discriminados, invisibilizados e negados pelos nossos direitos. A gente tem que se levantar e buscar os nossos direitos”, acrescenta Rosa Tremembé.⁵

Comumente há informações que apresentam a cidade nos sites de suas prefeituras, em Caxias do Sul não é diferente. O site da Prefeitura de Caxias do Sul apresenta a cidade da seguinte forma:

A história de Caxias do Sul começa quando a região era percorrida por tropeiros, **ocupada por índios e chamada Campo dos Bugres. Esse cenário começou a mudar em 1875, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos em busca de um lugar melhor para viver.** Dois anos após o início da ocupação, o território recebeu a denominação de Colônia de Caxias.

⁵ Informações disponíveis em <https://cimi.org.br/2022/04/retomada-indigena-maranhao/>. Consulta realizada em 16 de outubro de 2023.

Ao longo desse tempo, novas levas de imigrantes chegaram. Em 20 de junho de 1890 foi criado o Município, desmembrado de São Sebastião do Caí. O nome, Caxias do Sul, foi uma homenagem ao Duque de Caxias. Logo na primeira década do século XX, um marco para o desenvolvimento: no dia 1º de junho de 1910 chegava o primeiro trem, ligando a região à capital do Rio Grande do Sul. Nesse mesmo dia, Caxias foi elevada à categoria de cidade. A denominação atual – Caxias do Sul – viria por meio de decreto, no ano de 1944.

O novo meio de transporte marcou uma nova era para o desenvolvimento do município. Partindo do cultivo da uva e do vinho, chegou ao título de segundo maior polo metalmeccânico do Brasil. As indústrias caxienses fabricam desde pequenas peças até ônibus e caminhões. Importância econômica que trouxe reflexos também para os setores de comércio e serviços, que se tornaram referência para toda a Serra Gaúcha.

Hoje, ***Caxias do Sul é fruto da garra e da determinação herdadas dos imigrantes com a contribuição de outras culturas que foram abraçadas pelo povo, como a tradição gaúcha.*** Uma cidade vibrante, feita pelos seus 523.716 moradores, conforme levantamento do IBGE de 2021, e que se consolida como o segundo maior município do Rio Grande do Sul em número de habitantes e em importância econômica.⁶

Já no primeiro parágrafo – *a história de Caxias do Sul começa quando a região era percorrida por tropeiros, ocupada por índios e chamada Campo dos Bugres. Esse cenário começou a mudar em 1875, quando chegaram os primeiros imigrantes italianos em busca de um lugar melhor para viver* – fica evidente a forma como se compreende a história da cidade e o lugar (de silenciamentos) ocupado pelos povos originários, como se a história produzida por eles não tivesse um lugar de importância. Como se os povos originários não fossem parte do que Caxias representa hoje – e, sabemos que permanecem à margem. O equívoco de privilegiar apenas a história da colonização leva, até hoje, os povos originários do território a uma situação de invisibilidade, por mais que estejam presentes nas calçadas, cotidianamente, ninguém os vê.

Contemporaneamente, mesmo a classe hegemônica, encontra razões para insatisfação. As questões ambientais, a violência. Até numa rasa reflexão, sobre o reverberar do *processo civilizatório*, já nos traz questões. Que modos de operar no mundo foram produzidos pelo colonialismo? Esse mundo produzido é para todos, todas e todes?

Mas, é esse o mundo que seguimos memorando nos espaços e enaltecendo nos registros e espaços públicos analisados. O mundo que nós herdamos, que o colonialismo produziu. E aqueles povos que foram destituídos e silenciados de diferentes formas – pretos, indígenas e outros grupos –

⁶ Informações disponíveis em <https://caxias.rs.gov.br/cidade>, consulta realizada em 21 de agosto de 2023. Grifos meus.

, portadores de outras visões de mundo, de outras epistemologias, de outros valores e outros princípios – das quais todos fomos apartados.

Os espaços públicos seguem o funcionamento colonialista, e os que representam todos os povos invisibilizados pelo poder público, seguem nas ruas, nas calçadas, vendendo seus produtos em camelôs, comercializando artesanato, pedindo ajuda financeira e alimentícia.

Talvez, tenhamos como responsabilidade, ainda maior, nos aproximar daquilo que Milton Santos (1926-2001) chamava de *universalidade empírica*, forjada pelo intercuro de todas as possibilidades culturais que a humanidade produziu. Em nosso território já temos elementos para isso, o livro *Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito* (2013), por exemplo, examina a trajetória dos negros, centrando a sua atenção em Caxias do Sul, expõe, através de um processo de pesquisa, questões que nos ajudam a pensar acerca dos silenciamentos e como isso foi produzido de forma intencional. Conforme segue no trecho abaixo:

Caxias do Sul foi colonizada sobretudo por italianos e seus descendentes a partir do último quartel do século XIX. Durante décadas a memória gaúcha negou, quando não tentou minimizar, a presença da diáspora negra no estado. De maneira surpreendente, as elites políticas e intelectuais inventaram um mito fundador: o de que o Rio Grande do Sul era um pedaço da Europa encravado nos trópicos, com a presença de imigrantes alemães, italianos, espanhóis, e em menor escala, poloneses, austríacos, lituanos, holandeses, ucranianos e suíços, plantando aqui as bases da tão sonhada prosperidade matéria e espiritual. (Gomes, 2023, p. 19)

O texto de apresentação da cidade, produzido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, fortalece o *mito fundador*, segue enaltecendo as heranças coloniais, com ênfase na *garra e determinação dos imigrantes para construção da cidade*, sem mencionar as diferentes etnias que aqui estiveram e participaram desta construção, diminuindo ou invisibilizando determinados aspectos da história do Rio Grande do Sul.

Já no segundo texto analisado neste trabalho, parte do Documento Orientador Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Caxias do Sul (DOCCX), homologado em 2019, observamos na contextualização do Documento, sob o título *Caxias do Sul: Território Intercultural*, um pouco mais acerca da cidade e seus atravessamentos. Neste material encontra-se uma narrativa mais plural, que nos ajuda a esperar – como se a educação estivesse semeando o rompimento com a perspectiva que dá lugar a uma única história – mostra como historicamente se deu a constituição do município, cita o genocídio dos povos indígenas e traz a contribuição do povo afro-brasileiro, deixa

evidente que com pesquisa pode-se produzir outras formas de olhar a cidade. O texto começa revisitando as nomenclaturas já recebidas pela cidade

Colônia Caxias é nome recorrente nos documentos, acervos oficiais e bibliografias. Recebeu de Júlio Prates de Castilhos o epíteto de ‘Pérola das Colônias’, em 1897, em visita a esta cidade como Presidente do Estado. A sede desta colônia localizava-se em Nova Milano, na 1ª légua. Porém, em 1876, a sede passou a localizar-se no espaço até então conhecido como Campo dos Bugres. *Os bugres eram integrantes do povo indígena brasileiro conhecido como Kaingang ou Kanhgág, denominação mundialmente famosa atribuída ao antropólogo Jules Henry, que viveu entre os kaingangs brasileiros. “[...] esses índios foram conhecidos sucessivamente pelos seguintes nomes: guaianas no século 17; pinarés no século 18; caingangs e bugres no século 19.*

[...] Caxias do Sul é uma cidade que nem sempre foi conhecida pela atual denominação, e aqui há de se compreender a cidade como “uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação”. Sendo assim, é importante salientar que “a cidade é uma criação histórica particular que teve início num dado momento da evolução social [...], não por necessidade natural, mas por uma necessidade histórica, que tem um início e pode ter um fim”. A denominação Caxias do Sul passa a ser utilizada em 1944, possivelmente para diferenciar-se de outros municípios brasileiros, dentre os quais, Caxias no Maranhão e Caxias no Rio de Janeiro. Vainer (1998) compreende que, desde os primórdios, a imagem da cidade reflete o diverso, local onde se experiencia o múltiplo. Por ser única, a cidade, em sua criação histórica, é permeada pelo encontro de culturas diferentes. *Nesse sentido, a população brasileira, assim como a caxiense, é composta por negros e descendentes de imigrantes de várias nacionalidades e de indígenas sobreviventes ao genocídio português.*⁷

O texto revisita algumas nomenclaturas já recebidas pela cidade, como o epíteto recebido de Júlio Prates em 1897, Pérola das Colônias; Campo dos Bugres, nomenclatura que se referia ao grande número de indígenas que habitavam a região; a denominação Caxias do Sul passa a ser utilizada apenas em 1944. O trecho apresenta, ainda que sucintamente, a multiplicidade que fez parte da história do município e segue mostrando como a contemporânea Caxias do Sul, com seus distintos modos culturais, seguem sendo casa de muitos.

Com o advento da globalização, é no território que os percalços são superados, ou acentuados pela diversidade. A circulação de pessoas como mão de obra para atender às demandas econômicas impostas pelo neoliberalismo possibilitou que os valores culturais de determinados grupos interagissem, entretanto nem sempre de forma igualitária. A vinda, atualmente, de imigrantes provenientes de países latino-americanos, asiáticos e africanos, corrobora a tese de que Caxias, assim como outros espaços, é um território intercultural. As culturas interagem, não de forma pacífica, pois, muitas vezes, silencia-se e torna-se invisível o diferente, mas coexistem aqui várias manifestações culturais.

⁷ Documento disponível em <https://educacao.caxias.rs.gov.br/documento-orientador-curricular-para-a-educacao-infantil-e-o-ensino-fundamental-de-caxias-do-sul-doccx>, pesquisa realizada em 21 de agosto de 2023.

Sem dúvidas, ainda na esteira do *mito fundador*, há uma tentativa de homogeneização, isto é, uma padronização baseada em uma referência dominante que desconsidera os valores tradicionais e culturais de outras nacionalidades e culturas. Mostrando que está em um fluxo contrário à premissa: o *eu* só existe e se constitui, pela percepção e, mais além, pelo reconhecimento do *outro*; por aquilo que os diferencia.

A exemplo do que traz o texto, hoje, a Rede Municipal de Educação de Caxias do Sul, conta com mais de 17 nacionalidades diferentes, totalizando 891 estudantes matriculados na Educação Infantil e no Ensino Fundamental⁸. São estudantes da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Emirados Árabes Unidos, Equador, Guiana Francesa, Guiné, Haiti, Índia, Itália, Paraguai, Peru, Senegal, Uruguai e Venezuela, esses últimos majoritariamente. Reconhecendo essa pluralidade, fica evidente, que a história da cidade não pode ser resumida e estereotipada. Haja visto que a única história contada se resume a saga dos imigrantes italianos aqui chegados. O respeito às diferenças é fundamental para construção de um povo empático e uma sociedade mais equânime.

Os documentos analisados, publicados pelo poder público, o texto de apresentação de Caxias do Sul, e o tópico presente no Documento Orientador Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Caxias do Sul (DOCCX), compõem esse primeiro tópico da escrita como um convite a olhar para o território de diferentes lugares. Brechas possíveis que sempre estiveram aqui. Mas, poucos se aventuraram a lançar um olhar epistemológico a elas. Há muitas possibilidades de olhar e narrar as histórias da e na cidade. Porém, apenas algumas são, efetivamente, consideradas por grande parte das instituições.

Há estudos acadêmicos do território que compreendem Caxias do Sul – enquanto organização de cidade – como um núcleo colonial, formado no final do século XIX. O qual recebeu seus habitantes por volta de 1875. Sendo a maior parte da população originária da península da Itália. Segundo Gomes:

Devido ao número significativo de imigrantes chegados, geralmente, se nega a diversidade étnica. Essa negação acabou invisibilizando as outras etnias que fazem parte da história da cidade. (Gomes, 2013, p.169)

⁸ O número foi fornecido pela Secretária Municipal da Educação. Os dados foram disponibilizados em maio de 2023 com termo de confidencialidade e sigilo.

Segundo o no Documento Orientador Curricular para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de Caxias do Sul, ao pensar na história de Caxias do Sul, é fundamental reconhecer a contribuição dos afrodescendentes. É possível perceber a presença negra, desde os anos iniciais da formação da Colônia, através de fotografias, relatos e outras fontes. Os negros que aqui chegaram nos últimos anos do século XIX eram oriundos dos Campos de Cima da Serra. Escravizados ou escravizados, vinham em busca de trabalho e melhores condições de vida. Com a construção e inauguração da estrada de ferro em 1910, negros de outras regiões do estado vêm a Caxias em busca de emprego e melhores condições. Cabe salientar a contribuição negra em diversos espectros da sociedade caxiense, tais como: no trabalho (agrícola, industrial, comercial e de estrutura viária da cidade), no lazer (futebol, carnaval e bailes através do Clube Gaúcho) e religiosidade, mediante práticas caseiras como benzedura e rezas e das religiões de matriz africana.

Segundo Gomes, 2013, reforça que alguns chegavam de cidades vizinhas, onde houve a exploração da mão de obra escravizada, como em São Francisco de Paula, São Sebastião do Caí e Vacaria. Porém com o passar dos anos e o desenvolvimento da cidade, a população negra cresceu. A cidade passou a abrigar negro e negras que eram operários, militares, benzedeiros, proprietários de Casas de Banho, arrumadeiras, faxineiras, etc. E, como é óbvio, não abrigou a todos da mesma forma. As famílias negras e pobres construíram suas casas nos espaços limitados e periféricos, que hoje são conhecidos como a Zona do Cemitério e o Burgo, pois, lá encontraram terras que não *eram de ninguém*.

Nos territórios negros da cidade, com o passar dos anos, foram se formando clubes, como o Eurico Lara, e o XV de Novembro, ambos considerados clubes negros. Porém, desde a década de 1930, a população negra da cidade pode dançar, comemorar, se relacionar, demonstrar seu amor à pátria e realizar diversas outras atividades em outros dois clubes, que foram fundados naquele período. O Clube das Margaridas (1933) e o Clube do Gaúcho⁹ (1934), que surgiram como espaço para socialização negra. Naquele período muitos dos clubes caxienses, não permitiam a entrada de pessoas negras em seus bailes e demais eventos. (Gomes, 2013, p.169)

Como efeitos do projeto foi colocado em prática, a partir das políticas de eugenia, não podemos perpetuar os estereótipos negativos construídos ao longo da nossa história, como de que os negros eram “sujos”, “desordeiros”, “criminosos”, “sexualmente depravados”, “ignorantes”, entre

⁹ Fundado em 23 de junho de 1934, o clube dedicou-se inicialmente ao futebol, mas foi responsável também pela promoção de bailes, festas, quermesses, cursos e diversos outros eventos. Tudo com o propósito de fortalecer os vínculos da população negra e combater a segregação, o racismo e discriminação da época - verificada nos mais diversos espaços. E, que perdura até hoje.

outros, é tarefa de todos. Porém, infelizmente, os espaços públicos pouco fazem para pagar essa dívida histórica. Ainda que carreguem a premissa de serem para todos e para cada um, podemos nos questionar: quem são os *todos*? Que possibilidades de existências reverberam no campo cultural de um determinado local? Quais os critérios para estar nas vitrines? Apenas os *italianos* ganharam essa possibilidade?

Somado aos escritos, há os trânsitos da e na Caxias contemporânea. A observação dos múltiplos cotidianos nos faz perceber os movimentos de idas e vindas. Impressões e observações que constitui uma fotografia momentânea – mas, sempre em movimento. Encontros com indícios, brechas e rastros de muitos outros modos de existências. Atravessamentos que nos constituem e produzem a cidade como espaço de vida tal qual tomamos hoje para análise.

E, é aqui que nasce a necessidade de análise dos espaços museais e de memória. Há registros, desde muito, e pesquisas, como as utilizadas acima, que apontam este território como casa de muitos que não recebem nenhuma notoriedade como forma de serem branqueados ou extintos – produzindo o equívoco histórico de uma única história –. Compreendendo esses espaços como aqueles que guardam a incumbência de salvaguardar as histórias, as memórias, os modos culturais que narram as vidas da cidade e seus distintos modos de existir, é urgente questioná-los. Os silenciamentos não podem permanecer como regra, tampouco quem produz o silenciamento podem permanecer invisível ao reforçar a regra.

A decisão de quem fala e de que história será contada sempre carrega intencionalidades. Podemos nos perguntar: Quem pode falar? Quem pode contar a sua história?

Kilomba (2021), em *Memória de Plantação*, examina a atemporalidade do racismo cotidiano. A combinação das duas palavras do título: “plantação” e “memória”, descreve o racismo cotidiano não apenas como um passado colonial, mas também, como uma realidade traumática, que tem sido negligenciada (p.29) – queremos perpetuar? Pois, o sentimento de pertencimento a um determinado território também passa pelas representações que ele expressa em seu campo social, histórico, econômico educativo e cultural.

É através da linguagem, da produção cotidiana das narrativas, comunicadas nos diversos espaços, através de documentos, monumentos, textos e símbolos distribuídos pela cidade, que identificamos os jogos de valoração e silenciamento.

Sensibilização 2

Encontrar a correspondência entre vozes. Seguir uma conversa. Pensar o coletivo. Um modo que antes de estar em mim já esteve nelas. Quantas conexões temos? Quem somos? Quais as diferenças?



Palavras, ao lado, e obra, acima, de Rosana Paulino, da série Jatobá, 2019.

Rosana Paulino apresenta um trabalho centrado em torno de questões sociais, étnicas e de gênero, concentrando-se em particular nas mulheres negras da sociedade brasileira. Paulino explora o impacto da memória nas construções psicossociais, introduzindo diferentes referências que intersectam a história pessoal da artista com a história fenomenológica do Brasil, tal como foi construída no passado e ainda persiste a hoje.

Até quando?

é necessário
que a gente comece
a pensar o conhecimento
de outras maneiras.

conhecimento em roda,
conhecimento embaixo
de uma árvore,
conhecimento das plantas,
conhecimento que coloque
o sujeito dentro da
natureza e não acima dela.

A Caxias de hoje e os indícios de uma trajetória constituída pelo pensamento colonial

*Os **morenos** da italiana Caxias do Sul viviam sob a proteção da princesa e de São Benedito. Esta simples frase, dita assim inopinadamente, gera alguns estranhamentos ou desconfortos. Por que dizer **morenos** ao invés de **negros**? Viviam (vivem) negros em Caxias do Sul? Colocar-se sob o resguardo da princesa Isabel não seria um ato simbólico de subordinação e, ao contrário, invocar o santo negro Benedito, não indicaria um ato de resistência político-cultural?*

Paulo Roberto Staudt Moreira (2013)

Cada vez mais observamos um cotidiano múltiplo, diverso, colorido e ainda, por vezes, invisibilizado nos espaços de memórias da cidade. Caminhando pelas ruas da cidade, observando os trânsitos escolares, o sobe e desce do transporte público, as circulações nos parques, nos mercados, os andantes da cidade, aqueles que transitam pelos espaços de vida do qual somos parte, as multiplicidades são as fotografias que temos e podemos capturar. Incontáveis possibilidades de expressões, de cores, de vozes, sonoridades, vestimentas, existências. Manifestações de fluxos de vida legítimos e vibrantes.

Pensando nesse cotidiano, que se movimenta diante dos nossos olhos sem ser legitimado pelas instituições, que nos toca, nos atravessa e nos constitui, com atenção aos debates realizados nas redes sociais, às diferentes músicas que animam os transeuntes, às oportunidades de ser e estar que nos apresentam outras realidades, podemos nos perguntar: como essas possibilidades de existências reverberam no campo cultural de um determinado local? Essa multiplicidade latente é parte dos currículos escolares? Quais os conhecimentos que foram eleitos para narrar as vidas que constituíram e constituem a cidade? Qual episteme¹⁰ é maquinada? Como uma população lê seus símbo-

¹⁰ No pensamento de Foucault 1926-1984, o paradigma geral segundo o qual se estruturam, em uma determinada época, os múltiplos saberes científicos, que por esta razão compartilham, a despeito de suas especificidades e diferentes objetos, determinadas formas ou

los, patrimônios e espaços de memória? Como os espaços de memória representam a população? A população múltipla e diversa de um determinado território pode ser narrada a partir de uma única história? Quantas e quais as histórias possíveis? Quem elegeu a história que é contada?

A partir das observações postas e das indagações construídas, é interessante analisar a história de Caxias do Sul, aquela narrada em suas festas, nos livros didáticos, comunicada através dos patrimônios tombados do município, aquela visitada nos espaços museais e de memória da cidade e reverberada por seus monumentos: quais são os diálogos produzidos com essas múltiplas existências observadas no cotidiano da cidade? Tudo se transforma em uma única narrativa?

A análise inicial evidencia as amarras, as estruturas e as concepções de operações e modos epistemológicos de construção de narrativas que glorificam a história colonial, não que essa não mereça espaço, mas tomá-la como única, faz desaparecer todos os modos que não coincidem com a narrativa produzida por ela, produz silenciamentos, não legitima e resguarda outras ancestralidades, outros tantos modos culturais, não permitindo que outras linguagens sejam criadas e, sobretudo, que as brechas que hoje nos permitem espiar as outras histórias, que também nos constituíram, não sejam fechadas e negadas – estão latentes em quem somos e em nossa língua.

A escola e a academia, muitas vezes alheias aos trânsitos cotidianos e sem potencializar uma educação que privilegie a pesquisa, seguem apresentando uma única história; uma única narrativa, capturadas e configuradas nas estruturas de poder e de conhecimento. Afastando-se, por vezes, dos documentos legais que legislam a educação.

Neste cenário, cabe questionar: de onde vem esse desejo de uniformização? Será que todos os habitantes da cidade se sentem representados pelas narrativas construídas acerca da cidade nos espaços culturais e educativos? Ou, quem sabe, essa única narrativa produza uma necessidade, em cada um e cada uma, de se sentir parte de algo que não o constitui? Quais são as outras narrativas possíveis que emergem de uma reconfiguração de estruturas de poder?

A partir desta breve fotografia, e atentos à construção das narrativas eurocêntricas - impregnadas nos currículos escolares e dos cursos de licenciatura do território (inclusive) - trasborda a necessidade de escapar dos discursos colonizadores, de uma educação padronizada e cristalizada que reverbera tais valores (como os únicos possíveis) no campo social, econômico, político e cultural.

características gerais [O surgimento de uma nova episteme estabelece uma drástica ruptura epistemológica que abole a totalidade dos métodos e pressupostos cognitivos anteriores, o que implica uma concepção fragmentária e não evolucionista da história da ciência.]

O que pretendemos com essa proposta é a criação de espaços de discussões para uma experiência inclusiva e acolhedora, que permita que as identidades marginalizadas possam também reconfigurar a noção de conhecimento num *continuum* espaço-tempo, na própria experiência do viver, com todas as cores, formas e sons ecoando pela cidade. A vigilância e luta diária pode resultar em experiências poéticas de participação ativa, da leitura estética construída diante das interações entre si e em diálogo com a cidade. Ainda que a acolhida possa ser mais um dispositivo nos jogos de saber e poder, pois não mexe na estrutura posta pela branquitude.

Buscamos produzir essa análise fundada nos pressupostos da decolonialidade epistêmica¹¹, a partir do conceito de colonialidade do ser e do saber (Pertile, 2021). Utilizando as premissas de pensadores da corrente teórica pós-colonial, em que a ideia de modernidade está relacionada com a subjugação epistêmica. Observando os jogos de valorações e invisibilidade intimamente vinculados os as questões geográficas. Premissa tomada para análise e efetivação do movimento metodológico, tendo ênfase na influência que as diferentes linguagens podem exercer na construção do ser e do conhecimento.

¹¹ A decolonização epistêmica, a qual pretende reconhecer a colonialidade e reconhecer outras epistemologias conformando uma resignificação, releitura e atualização do dito – este representando o conceito de *delinking* de Walter D. Mignolo (MIGNOLO, 2007a).

Sensibilização 3



Existir, ouvir, experimentar, compartilhar, sentir, participar, dialogar. Articular, pesquisar, fortalecer e comunicar as histórias e memórias de resistência e resiliência, a arte, produções artísticas, intelectuais e tecnológicas dos diversos povos e etnias indígenas – propósito do Museu das Culturas Indígenas.

"Recuperando território para dar vida às esperanças", 2022
Tamikuã Txihí



12

¹² Imagens do Museu das Culturas Indígenas (MCI). Fotos: Fernanda Bertoldo. Visitas virtuais são possíveis, endereço: <https://museudasculturasindigenas.org.br/>

“YGAPÓ: TERRA FIRME” – DENILSON BANIWA



YY HE'YN RE MA DIPOI MBA'EMO'A YVY RE, YVYRA MA NDOKAKUAI YVY RE YN RE. YY OGUEJY YVY REVY MA, OJAO'I YVY KÓ MBA'EMO RUPARÃ VY NDA KÓ YVY RE OJE'APA VA'EGUE ONHEMOAIN KA'AGUY HOVYRE. (YGAPÓ) YY RAPÓ, YMÃ NHANDÉ KUERY IJAYVU VY "RAÍZES D'ÁGUA", HA'E VYRIMA OJEAPO MA YMÃ GUIVE HAEMA OIN YVY RE OIKUAA POTA VA'E REÉ, MBOVY MA'ENTYRE MA MBA'EMO OIKO MBARAETE HA'E OAXA OPA MBA'E REI HOVA OVY RANJEPE KÓ YVY IPORIAU REI'I TUM UM GUERE RANJEPE. YVY YAVERE NHANDÉ KUAI VA'E ITAENDYRE JAPOVY, KA'AGUY JAJUKÁ, YY NHAMBOTY TATAENDY XÃ OIN AGUA HA'E KA'AGUY OKAI VA'E VOI MA IPORÃ VA'E RUPI GUA HE'YN.

(YGAPÓ) YVY RANTA HE'I VA'E MA NHANDÉ GUERY ONHEREMOMBE'U ONHEMOJEKUAI MAVY VY, OVE-RÔN XÃ OPAMBA'E REI RANJEPE JOUPIVE'I OVERÔNHI-A'A OJERERÁ KUAA VYMA HEXANKA RANDA'U JEKO'VEA KÓ TENONDERE TEMBIEXARÃ. JEROKY, TAROVA, MBA'E NDA'U OJEAPO MA OUVY VY JOGUE-ROJAPY XAKAMA VY OPOPY OJAPO KA'AGUY VY NDA'U OIN TAPE OJERERÁÁ AGUA KÓ NHANDEREREKÓ TEKÓ. YVYRÁ HO'A TEIM VY, HETE HUM'UM HERAV VY OJE'A VY MA OEJA AMBOAE OIKO'I VY OIKÓ MBARAETE VE AGUA JU.

NÃO HÁ TERRA QUE SEMEIE SEM ÁGUA, NÃO HÁ ÁRVORE QUE CRESÇA SEM TERRA. QUANDO AS ÁGUAS DESCEM, O SOLO É COBERTO POR UMA Densa CAMADA DE MATÉRIA ORGÂNICA QUE CRIA UM GRANDE TAPETE NA FLORESTA AMAZÔNICA. YGAPÓ, DO TUPI ANTIGO "RAÍZES D'ÁGUA", É UM ECOSISTEMA FORMADO NAS MAIS ANTIGAS REGIÕES GEOLÓGICAS DA TERRA, PROVENIENTE DE MILHÕES DE ANOS PARA QUE A FLORA RESISTENTE PUDESSE ENFRENTAR AS CONDIÇÕES DE CONTÍNUAS MUDANÇAS E UM TERRENO POBRE EM NUTRIENTES. A INTERVENÇÃO HUMANA COMO MINERAÇÃO, DESMATAMENTO, BARRAGENS HIDRELÉTRICAS E INCÊNDIOS SÃO OS MAIORES CRIMES CONTRA ESSE ECOSISTEMA.

YGAPÓ TERRA FIRME É A METÁFORA DA RESISTÊNCIA INDÍGENA, QUE MESMO EM CONSTANTE AMEAÇA EXTERNA VEM PELA COLETIVIDADE E COMPARTILHAMENTO DE SABERES TORNAR POSSÍVEL O VISLUMBRE DE UMA FUTURA EXISTÊNCIA. A DANÇA, O CANTO, O FAZER COM AS MÃOS E A CONEXÃO COM AS FLORESTAS SÃO CAMINHOS PARA A CONTINUIDADE DA CULTURA E DA VIDA. MESMO QUE ÁRVORES CAIAM, SUA MATÉRIA ORGÂNICA TORNA VIÁVEL O NASCIMENTO DE OUTRAS AINDA MAIS FORTES.

O cotidiano das histórias contadas no território em funcionamento na movimentação metodológica da pesquisa

Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes.

Grada Kilomba, 2021

O caminhar pela cidade nos convida a contemplar. Perceber os olhares que são lançados para as cores, texturas e formas. Como cada corpo se movimenta para perceber os detalhes da vida cotidiana que traduz um pouco do que somos: a igreja na praça, os carros na rua, os passos apressados, as vendas nas esquinas, as travessias de ruas, as linhas das casas e dos prédios, os olhos que nos cruzam, as feições, as interdições. Entre cada ponto e itinerário vamos nos construindo das nossas memórias inventadas, subjetivadas pelas narrativas criadas, que dia após dia nos constituem e nos tornam parte de um mesmo modo operante.

Podemos, dentre tantas formas, também aprender com o olhar crítico, com um convite à atenção plena, legitimar existências e as diversas formas e estar no mundo. Este movimento requer sensibilidade e pode (até) re-construir a realidade em que cada um deseja viver. Eis a importância de compreender os funcionamentos epistêmicos que produziram esse modo de pensamento e valoração. Como nos alerta Boaventura,

a “racialização” das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do caráter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjetivo. Ou seja, da sua colonialidade. Converteu-se, assim, nos mais específico dos elementos do padrão mundial do poder capitalista eurocentrado e colonial/moderno. Faz falta estudar e estabelecer de

modo sistemático (não sistêmico) as implicações da colonialidade do poder no mundo capitalista. (Boaventura, 2009, p. 107)¹³

Assim, perguntamos: quais outras narrativas podemos elaborar sobre o cotidiano da cidade nos espaços museais e de memória, seu entorno e acontecimentos, escapando das já construídas e disponíveis nos escritos e monumentos cristalizados? Quando vistas, as redes tecidas pelo entorno, os lugares e percursos são propostas de novos arranjos espaciais, novas possibilidades de vida. Pensar as existências não apenas na perspectiva da perda, mas também no domínio e na busca de perspectivas para melhor habitá-la.

As estruturas a serem analisadas nesta pesquisa estão listadas e categorizadas através de uma descrição dos espaços, espaços esses geridos por duas diferentes Diretorias, a Diretoria de Museus e Memória de Caxias do Sul, e a Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural – DIPPAHC, ambas pertencentes a Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul.

A observação e análise está organizada por Diretoria e cada estrutura inscrita nessas. Para cada estrutura da Diretoria de Museus e Memórias de Caxias do Sul, encontra-se um breve histórico, informações de identificação e imagens, acompanhadas de um pequeno comentário. Já para o conjunto de patrimônios tombados da Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural, haverá apenas a descrição, localização e número de tomo. Há posterior levantamento das etnias que cada uma celebra e resguarda. Para além da análise individual, o conjunto permite compreender a narrativa produzida.

A análise discorre a partir da observação das narrativas que constituem cada uma das estruturas e a força que isso ganha no conjunto. Pois, as memórias de um determinado povo, modo de existência, presentes nos espaços, territórios, tornam-se vivas ao serem notadas, sistematizadas e compartilhadas entre os seus; quando ganham vitrine nos espaços museais e de memórias. Através de todas as possibilidades que são alcançadas pelos movimentos metodológicos históricos e museológicos.

¹³ As questões da colonialidade do ser e do poder são amplamente discutidas nos textos de Ramón Grosfoguel e Nelson Maldonado-Torres, no livro *Epistemologias do Sul*. Disponível em [epistemologias_do_sul_boaventura.pdf](#). Consulta realizada em 10 de junho de 2023.

Porém, o que cada território escolhe guardar em suas memórias, é sempre um jogo de saber poder impregnado no campo social, econômico, político e cultural. Esses jogos, que são mantidos desde muito, produzem e normatizam valores e movimentos, sempre em detrimento de outros.

Foucault entende por saber um

[...] conjunto assim formado a partir de um sistema de positividade e manifestado na unidade de uma formação discursiva. O saber não é uma soma de conhecimentos. Porque desses se deve poder dizer sempre se são verdadeiros ou falsos, exatos ou não, aproximados ou definidos, contraditórios ou coerentes. Nenhuma dessas distinções é pertinente para descrever o saber, que é o conjunto dos elementos (objetos, tipos de formulação, conceitos e escolhas teóricas) formado a partir de uma única e mesma positividade, no campo de uma formação discursiva unitária". (CASTRO, 2009, p. 394).

Já o poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, sendo constituída historicamente, neste caso por um grupo que caracteriza a apreciação aos valores eurocêntricos, colocados em funcionamento por uma sociedade branca, patriarcal e heteronormativa.

Analisar as escolhas (e a manutenção delas) de um território, no que diz respeito às memórias e patrimônios que a mesma elege como caros, é pista para compreender os processos de poder e, através deles, compreender os silenciamentos e apagamentos instaurados nos espaços. Processos que tem vinculação íntima e ínfima com as questões políticas, econômicas e culturais.

Sensibilização 4



denilson baniwa
yauti piréna / itsida ifi / casco de jabuti, 2023
imagem digital



denilson baniwa
tamuatá piréna / oro ifi / casco de tamuatá, 2023
imagem digital

Denilson Baniwa pertencente ao povo Baniwa, nascido em Barcelos, cidade às margens do rio Negro no interior do Amazonas, Denilson define seus trabalhos como hackeamentos no sistema das artes e nas estruturas de poder. Ao articular imagens e perspectivas providas de sua experiência de vida como Baniwa e como sobrevivente da violência colonial nas Américas, altera noções de história tanto em territórios invadidos quanto em países invasores. Algumas de suas obras reconstróem imagens iconográficas dos livros de história da arte e arquivos históricos, ora revelando, ora apagando elementos.¹⁴

¹⁴ Material disponível em <https://35.bienal.org.br/>. Consulta realizada em 16 de outubro de 2023.

Estruturas capturadas para análise

Abaixo estão transcritos os materiais (folder físico e digital que são compartilhados com os usuários dos espaços e, ainda, informações disponíveis no site) da Diretoria de Museus e Memória de Caxias do Sul e a Relação dos Bens Tombados pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul, organizado pela Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural – DIPPAHC, ambas diretorias da Secretaria Municipal da Cultura de Caxias do Sul, conforme supracitado.

Diretoria de Museus e Memória de Caxias do Sul

Os museus de Caxias do Sul são espaços vivos, permeados de vida, histórias, memórias e educação. Por isso, continue nos visitando e colaborando na divulgação desse trabalho. Ele estará sempre em movimento.

Para mais informações acesse: <https://sites.google.com/view/museusmunicipaisdecaxiasdosul>

MONUMENTO NACIONAL AO IMIGRANTE

Instalado no cruzamento do acesso à cidade pela rodovia BR-116 e Avenida Júlio de Castilhos, originalmente dedicada apenas à imigração italiana, foi distinguido como marco da contribuição dos diferentes imigrantes de vários países ao desenvolvimento do Brasil, pelo presidente Getúlio Vargas, o qual realizou a inauguração em 28 de fevereiro de 1954. O interior da cripta, Espaço Cultural Antônio Caringi, abriga exposições que evocam as diferentes etnias percebidas no território brasileiro.



Fotógrafo: Daniel Herrera

Monumento Nacional ao Imigrante

BR 116, KM 150 - Bairro Petrópolis

Horários: Terça a Sábado das 10h às 16h Domingo: 13h às 17h

Fone: (54)3901.8940

Comentário:

O espaço está fechado há mais de um ano. O fechamento está vinculado a situações de segurança em seu entorno. Conforme as fotos, a fachada do espaço apresenta um casal de imigrantes – inicialmente homenageando apenas os imigrantes que aqui chegaram, os italianos. Mas, mais tarde, como Monumento Nacional, buscou homenagear todos os imigrantes que desembarcaram no Brasil. Dentro da cripta encontram-se fotos que fazem menção a diferentes movimentos migratórios. Porém, o acervo comunica os modos de vida e profissões dos primeiros italianos que chegaram em Caxias do Sul.

MUSEU MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL

A edificação do final do século XIX abriga um acervo composto de mais de doze mil peças. As seis salas de exposição possibilitam o reconhecimento da formação do município, surgiu com base na pequena propriedade rural e na diversificação dos ofícios e comércios. O museu dispõe, ainda, de sala para exposições de curta duração e/ou eventos. Integrado pelo pátio interno. Eventos também podem ser organizados no pátio interno, junto ao nosso elegante jardim.



Fotógrafo: Guilherme Sorgetz





Créditos: Luis Fernando Barp

Créditos: Luis Fernando Barp Fotógrafo: Guilherme Sorgetz

Museu Municipal Maria Clary Frigeri Horn

Rua Visconde de Pelotas, 586 - Centro

Horários: Terça a Sábado das 10h às 16h

Fone: (54)3221.2423 e (54)3215.4445

Comentário:

O Museu Municipal tem amplo acervo. A grande parte é doação de famílias com ancestralidade italiana que ainda residem no território. Há uma tentativa de comunicar, ainda que de forma bastante tímida, um pouco acerca da história dos povos originários, porém, representa uma parcela pequena da etnografia. O afastamento histórico e a exploração dos povos originários do território, criou um distanciamento e grande dificuldade de acesso aos saberes desses povos em relação as aproximações com o poder público.

Como é possível notar nas imagens, o acervo é constituído, em sua maioria, pelos modos culturais dos imigrantes italianos, principalmente aqueles que tinham um grande poder aquisitivo. O espaço narra o convencimento sedutor realizado para trazer os italianos para o Brasil, mostrando o sonho (surreal) do que encontrariam aqui. Quando, na verdade, estava em vigor a política de branqueamento¹⁵ engendrada pelo Brasil. O Espaço segue narrando a chegada dos imigrantes, as primeiras construções, os ofícios e os primeiros anos na nova terra.

¹⁵ O embranquecimento ou branqueamento é uma teoria que, como o próprio nome sugere, visava “branquear” a população brasileira. Esse processo embora tenha sido criado durante o Brasil Colonial repercute até hoje em nossa cultura. O branqueamento no Brasil foi um projeto apresentado à comunidade mundial no primeiro Congresso Universal das Raças em 1911, em que o país foi representado por João Baptista de Lacerda e apoiado por outros cientistas e estudiosos da época. O projeto foi colocado em prática, a partir das políticas de eugenia, ou seja, “limpeza” das pessoas que não correspondessem ao padrão branco europeu, tal proposta inclusive, previa a extinção da população negra em um período de 100 anos. Abdias do Nascimento definiu tratar-se de uma das políticas de genocídio em sua obra “Genocídio do povo negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado (1978)”. Consulta realizada em 13 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.politize.com.br/embranquecimento>

Possui, também, uma sala para contar a história da empresa Eberle. Empresa significativa no desenvolvimento econômico do território. Outro espaço expográfico é reservado a Arte Sacra, a sala comunica e expressa os modos de fé dos primeiros imigrantes italianos.

Encontram-se, ainda, duas salas com a possibilidade de expográficas temporárias. Nelas, por vezes, há um respiro, outras possibilidades são colocadas em funcionamento, a exemplo disso, em 2022 houve uma exposição de uma artista trans, primeira ocorrida no espaço. Na ocasião também ocorreu o lançamento do livro *Histórias Lesbitransviadas do Rio Grande do Sul*, livro que narra histórias de pessoas LGBTQIA+ do Rio Grande do Sul e especificamente de Caxias do Sul. Em 2023, em parceria com o Conselho de Umbanda de Caxias do Sul, o Setor Educativo que atuou em 2022, construiu uma exposição denominada *As Cores do Axé*. O propósito era trazer referências, a partir das cores, dos movimentos da comunidade umbandista. A exposição trouxe a relação do elemento material *cor* com a produção de sentido na cosmologia umbandista. Com o objetivo maior de aproximar da comunidade os modos de fé da Umbanda, os quais são histórica e sistematicamente atacados.

MUSEU MUNICIPAL DA UVA E DO VINHO PRIMO SLOMP

A difusão da cultura da videira e a produção artesanal do vinho na serra gaúcha foi a alavanca de sobrevivência e geração de renda para muitas famílias, a partir do final do século XIX. O processo de trabalho com a uva ao armazenamento do vinho é representado pelos instrumentos, ferramentas e objetos característicos da produção vitivinícola, incluindo os testemunhos dos ofícios correlatos na tanoaria e cestaria. Fotógrafo: Sedenir Taufer A exposição está instalada junto à histórica Cooperativa Vitivinícola Forqueta, a 1ª cooperativa da América Latina, localizada na região que possui um papel muito importante na produção de uva em Caxias do Sul.



Fotógrafo: Sedenir Taufer

Fotógrafo: Sedenir Taufer

Museu Municipal da Uva e do Vinho Primo Slomp

Rua Luiz Franciosi, 350 - Bairro Forqueta

Horários: Segunda a Sábado das 7h45 às 11h45 e das 13h15 às 17h30

Fone: (54)3535.1614

Comentário:

O Museu encontra-se fechado. A antiga cooperativa que o acolhia encerrou as atividades em 2022. O acervo dialogava com seu público acerca da história dos imigrantes italianos da região. Contava a história da cooperativa, que até o momento em que estava aberta, era a mais antiga cooperativa em funcionamento da América Latina. No acervo encontram-se ferramentas, maquinários, garrafas, rótulos e peças que narram os aminhos da uva e do vinho, seus processos e produtos.

MUSEU AMBIÊNCIA CASA DE PEDRA

Arquitetura e mobiliário do final do século XIX que revelam o modo de vida cotidiana na pequena propriedade. O universo do trabalho familiar doméstico e rural está representado pelos objetos em seus respectivos ambientes, incluindo o externo, onde um parreiral testemunha a principal cultura.



Fotógrafo: Aldo Toniazzo

Museu Ambiente Casa de Pedra

Praça dos Tiroleses, 531 - Bairro Santa Catarina

Horários: Terça a Sábado das 10h às 16h Domingo: 13h às 17h

Fone: (54)3901.1463

Comentário:

O Museu Ambiente Casa de Pedra é mais um espaço que narra o cotidiano da Caxias do final do século XIX. A casa narra a histórias das primeiras famílias italianas que passaram por ali, os distintos funcionamentos da casa e como eram os espaços de vida dos mesmos.

MEMORIAL ATELIER ZABELLI

Sinônimo de arte sacra, a família Zambelli iniciou atividades em 1914, tornando-se referência no Rio Grande do Sul. O espaço interno do Monumento Jesus Terceiro Milênio abriga a exposição do acervo do Memorial Atelier

Zambelli: moldes artesanais de imagens e adornos em gesso, representativo dos últimos anos do atelier, década de 1900 e 2000.



Memorial Atelier Zambelli

Monumento Jesus Terceiro Milênio

Pavilhões da Festa da Uva

Atendimento por agendamento Fone: (54)3221.2423

Comentário:

O Memorial Zambelli versa acerca da história da família Zambelli e como eles realizam a produção das imagens para comercialização. Conta a história do atelier e as mudanças que ocorreram. É um espaço que traz a trajetória de estudos acerca da técnica utilizada. Como ocorria a produção e o comercio. Os enlaces da família. A sala expográfica conta com inúmeras imagens produzidas, cada uma com suas especificidades, e toda aparelhagem do atelier.

MUSEU MUNICIPAL DO ESPORTE DE CAXIAS DO SUL

O Museu do Esporte de Caxias do Sul é um espaço de pesquisa, educação e difusão da memória esportiva local. Participativo e colaborativo, sua missão será promover o conhecimento e a reflexão sobre o campo esportivo local em uma perspectiva que privilegie a valorização das memórias e patrimônios culturais materiais e imateriais relacionados ao esporte caxiense.

Museu Municipal do Esporte de Caxias do Sul

Disponível em: <https://sites.google.com/view/museudoesportecxs>

Fone: (54)3221.2423

E-mail: educativomm@caxias.rs.gov.br



Comentário:

O funcionamento é só virtual. Pouco divulgado. Ele traz imagens e documentos digitalizados que narram a trajetória de Caxias do Sul em relação aos esportes. Sobre tudo o futebol. O acesso é realizado através do link acima.

MUSEU DOS EX-COMBATENTES DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA II GUERRA MUNDIAL

A participação de jovens moradores da região nordeste do Rio Grande do Sul no maior conflito do século XX, preservada em documentos, fotografias, objetos e depoimentos.



Museu dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial

Rua Visconde de Pelotas, 249 - Centro

Fone: (54)3901.1422

Email: educativomm@caxias.rs.gov.br

Comentário:

O Museu dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial é muito estimado pela comunidade da região. Procurados por turmas e professores, principalmente do componente curricular História. Passou um tempo significativo fechado, as estruturas necessitam de cuidado. Foi idealizado pelos pracinhas que participaram da II Guerra Mundial e residiam na região.

O espaço era frequentado pelos pracinhas e seus familiares. Hoje há apenas um dos pracinhas vivo. O mesmo reside em Vacaria e já está com a saúde bem debilitada. Desta forma, não participa das discussões e atividades produzidas no espaço.

O Museu tem em seu acervo objetos que pertenciam aos pracinhas e traz memórias da II Guerra Mundial. Há também rádios transmissores e armas (desativadas) que foram doadas pelo Exército.

Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural – DIPPAHC

Relação dos Bens Tombados pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul:

1. Casa Saldanha

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, 1944. Bairro Centro. Quadra nº 0023, lote nº 001.

Processo Administrativo nº 9.504/85

Lançamento no Livro do Tombo em 14 de abril de 1988, às fls.004.

2. Painei “Do Itálico Berço à Nova Pátria Brasileira”

Localização: Centro Administrativo Municipal Vinícius Ribeiro Lisboa. Rua Alfredo Chaves, 1333. Bairro Exposição.

Quadra nº 1843, lote nº 001.

Processo nº 1999/17618-4

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de maio de 2001, às fls. 006.

3. Moinho Sul-Brasileiro (Moinho Germani)

Localização: Rua Coronel Flores, 810. Bairro São Pelegrino. Quadra nº 1739, lote nº 012.

Processo Administrativo nº 2000/ 22878-1

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de maio de 2001, às fls. 007.

4. Museu Municipal

Localização: Rua Visconde de Pelotas, 568. Bairro Centro. Quadra nº 0021, lote nº 018.

Processo Administrativo nº 1999/17620-9 e 2000/21811-0

Lançamento no Livro do Tombo em 28 de novembro de 2001, às fls. 008.

5. Capitel da Mariana

Localização: Rua Matheo Gianella, nº 499. Bairro Santa Catarina. Quadra nº 0894, lote nº 018.

Processo Administrativo nº 2000/16499-2

Lançamento no Livro do Tombo em 28 de maio de 2002, às fls. 009.

6. Capela de Nossa Senhora do Rosário

Localização: Rua Benjamin Custódio de Oliveira, s/nº. Bairro Charqueadas, Loteamento Vila do Rosário. Quadra nº 3966, lote nº 010.

Processo Administrativo nº 1999/25030-2

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de outubro de 2002, às fls.010.

7. Casa da Família Scovel – Museu de São Brás

Localização: Capela de São Brás de Ana Rech – Travessão Cremona. Lote rural nº 006.

Processo Administrativo nº 2001/1868-1

Lançamento no Livro do Tombo em 21 de outubro de 2002, às fls. 011.

8. Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami – “Antigo Hospital Carbone”

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, 318. Bairro Nossa Senhora de Lourdes. Quadra nº 085, lote nº 028.

Processo Administrativo nº 1999/17619-0

Lançamento no Livro do Tombo em 22 de outubro de 2002, às fls. 012.

9. Moinho Ítalo Brasileiro – Fábrica de Massas Alimentícias – “Moinho da Cascata”

Localização: Rua Luís Covolan, s/nº. Bairro Santa Lúcia. Quadra nº 2838, lote 001.

Processo Administrativo nº 2000/27625-4

Lançamento no Livro do Tombo em 14 de novembro de 2002, às fls. 013.

10. Museu Casa de Pedra

Localização: Rua Matteo Gianella, s/nº. Bairro Santa Catarina. Quadra nº 3897, lote nº 001.

Processo Administrativo nº 1999/17622-1 e 2000/21812-7

Lançamento no Livro do Tombo em 30 de junho de 2003, às fls. 014.

11. Lanifício Matteo Gianella e Residência da Família

Localização: Rua Professor Marcos Martini, s/nº. Bairro Santa Catarina. Quadra nº 3893, lotes nº 002 e 003.

Processo Administrativo nº 2001/13443-8

Lançamento no Livro do Tombo em 30 de junho de 2003, às fls. 015.

12. Marco em Memória às Moças Operárias

Localização: Rodovia Federal Br 116, 1018. Bairro Petrópolis. Quadra nº 0870, lote nº 003.

Processo Administrativo nº 2002/20429-9

Lançamento no Livro do Tombo em 30 de junho de 2003, às fls. 016.

13. Capela de São Roque

Localização: Localidade de Capela São Roque, Distrito de Fazenda Souza. Estrada Municipal que une as localidades de Fazenda Souza e Zona Lise.

Processos Administrativos nº 1999/5346-3 e 2000/18817-1

Lançamento no Livro do Tombo em 22 de agosto de 2003, às fls. 017.

14. Residência da Família Bedin

Localização: Rua Coronel Flores, 717. Bairro São Pelegrino. Quadra nº 1740, lote nº 021.

Processo Administrativo nº 2002/20427-6

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de setembro de 2003, às fls. 018.

15. Patronato Agrícola

Localização: Rua Professora Maria D'Ávila Pinto, 55. Bairro Marechal Floriano. Quadra nº 0309, lote nº 015.

Processo Administrativo nº 2002/20431-3

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de setembro de 2003, às fls. 019 e 020.

16. Moinho Progresso

Localização: Rua Coronel Flores, 603. Bairro São Pelegrino. Quadra nº 1737, lotes nºs 001, 002, 003 e 004.

Processo Administrativo nº 2002/20432-0

Lançamento no Livro do Tombo em 08 de setembro de 2003, às fls. 021.

17. Banco Mercantil

Localização: Av. Júlio de Castilhos, 1781. Bairro Centro. Quadra nº 0031, lote nº 004.

Processo Administrativo nº 2002/20430-7

Lançamento no Livro do Tombo em 18 de dezembro de 2003, às fls. 022.

18. Residência da Família Scotti - "Farmácia Central"

Localização: Av. Júlio de Castilhos, 1691. Bairro Centro. Quadra nº 0031, lote nº 010.

Processo Administrativo nº 2002/20423-0

Lançamento no Livro do Tombo em 25 de agosto de 2004, às fls. 023.

19. Residência da Família Sassi

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, 1803. Bairro Centro. Quadra nº 0031, lote nº 002.

Processo Administrativo nº 2002/20424-7

Lançamento no Livro do Tombo em 25 de outubro de 2004, às fls. 024.

20. Cantina Pão e Vinho

Localização: Rua Ludovico Cavinato, nº 1757, Bairro Santa Catarina. Quadra 1554, lote nº 007.

Processo Administrativo nº 2005/20416-0

Lançamento no Livro do Tombo em 10 de novembro de 2005, às fls. 025 e 026.

21. Capela do Santo Sepulcro

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, s/nº, Bairro Nossa Senhora de Lourdes. Quadra nº 82, lote nº 015.

Processo Administrativo nº 2005/11218-4

Lançamento no Livro do Tombo em 10 de novembro de 2005, às fls. 027 e 028. Retificação às fls. 048.

22. Metalúrgica Abramo Eberle

Localização: Conjunto de prédios sobre cinco lotes contíguos, onde se destaca aquele encimado pela torre do relógio, localizado na Rua Sinimbu, nº 1670. Bairro Centro. Os cinco lotes estão localizados no quarteirão formado pelas Ruas Sinimbu, Borges de Medeiros, Marquês do Herval e Os Dezoito do Forte, sendo que esses lotes contíguos formam um só bloco correspondente às matrículas nº 2.873, 4.128, 4.129, 10.141, 21.883 do Serviço Registral de Imóveis da 2ª Zona desta cidade.

Processo nº 2005/20418-2

Lançamento no Livro Tombo em 06 de janeiro de 2006, às fls. 029.

23. Residência de Abramo Eberle

Localização: Rua Sinimbu, sob nº 1549. Bairro Centro. Quadra nº 50, lote nº 002.

Processo Administrativo nº 2005/20417-6

Lançamento no Livro do Tombo em 06 de janeiro de 2006, às fls. 030.

24. Monumento Nacional ao Imigrante

Localização: Estrada Federal BR 116. Quadra nº 1658, lote nº 002.

Processo Administrativo nº 1999/17621-5

Lançamento no Livro Tombo em 19 de outubro de 2007, às fls. 031.

25. Clube Juvenil

Localização: Av. Julio de Castilhos, nº 1677. Quadra 40, lote urbano nº 002.

Processo Administrativo nº 2007/7980-4

Lançamento no Livro Tombo em 12 de dezembro de 2007, às fls. 032.

26. Auto Palácio

Localização: Rua Sinimbu, nº 1345. Quadra nº 59, lotes nºs 008 e 010.

Processo Administrativo nº 2006/14856-3

Lançamento no Livro Tombo em 12 de dezembro de 2007, às fls. 033.

27. Residência Finco

Localização: Av. Júlio de Castilhos, sob nº 688. Quadra nº 82, lote nº 040.

Processo Administrativo nº 2005/26793-0.

Lançamento no Livro Tombo em 12 de dezembro de 2007, às fls. 034.

28. Capela de Santa Lúcia

Localização: Rua Jacob Luchesi, s/nº. Quadra 2753, parte do atual lote nº 003.

Processo Administrativo nº 2007/7554-5.

Lançamento no Livro Tombo em 12 de dezembro de 2007, às fls. 035.

29. Edificações do Recreio da Juventude

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, nº 1729, Quadra nº 31, parte dos lotes nºs 07 e 08 (atual lote nº 14), (antigo Cine Central).

Localização: Rua Pinheiro Machado, nº 1762, Quadra nº 31, parte do lote nº 07 (Sede Social).

Localização: esquina das ruas Pinheiro Machado e Marquês do Herval, Quadra nº 31, parte do lote nº 09 (o prédio conhecido como "toca")

Processo Administrativo nº 2008008781

Lançamento no Livro Tombo em 15 de dezembro de 2008, às fls. 036 e 037.

30. Igreja Matriz de Galópolis

Localização: Lote rural nº 43, do Travessão Solferino, Terceiro Distrito deste Município, na sede da Vila de Galópolis, atual Bairro de Galópolis.

Processo Administrativo nº 2008033061

Lançamento no Livro Tombo em 01 de julho de 2010, às fls. 038.

31. Moinho de Cereais Boca da Serra

Localização: Terreno rural sito no lugar denominado "Boca da Serra", no 5º Distrito deste Município de Caxias do Sul.

Processo Administrativo nº 2009006896

Lançamento no Livro Tombo em 01 de julho de 2010, às fls. 039.

32. Residências de Hercules Galló

Localização: Duas edificações situadas sobre o lote rural nº 72, do Travessão Santa Rita, 3ª légua, hoje Bairro Galópolis, neste município.

Processo Administrativo nº 2009/043317-0

Lançamento no Livro Tombo em 01 de julho de 2010, às fls. 040 e 041.

33. Residência Cesa Valduga

Localização: Rua Bento Gonçalves, nº 1843, esquina com a rua Dr. Montaury, lote nº 2 (antes metade do lote nº 2), da quadra nº 29, setor 08, zona 44, nesta cidade.

Processo Administrativo nº 2010024924

Lançamento no Livro Tombo em 07/12/2010, às fls. 042.

34. Capela da Beata Virgem Maria da Rocca

Localização: Travessão Hermínia, São Virgílio da Sexta Légua, zona leste de Caxias do Sul.

Processo Administrativo nº 2009014520

Lançamento no Livro Tombo em 20 de janeiro de 2011, às fls. 043.

35. Moinho Nossa Senhora do Carmo

Localização: Rua Quinze de Novembro esquina com a Rua Júlio de Castilhos, parte dos lotes nºs 07 e 09 da quadra

nº 02, Vila de Criúva, neste Município.

Processo Administrativo nº 2011010298

Lançamento no Livro Tombo em 28 de novembro de 2011, às fls. 044.

36. Antigo Armazém Fachini

Localização: Rua Quinze de Novembro, Distrito de Criúva, neste município. Quadra nº 05, lote nº 01 da Vila de Criúva.

Processo Administrativo nº 2010042147

Lançamento no Livro Tombo em 19 de dezembro de 2011, às fls. 045.

37. Antigo Colégio Santa Francisca Xavier Cabrini – Campus 8 da Universidade de Caxias do Sul – Cidade das Artes

Localização: Av. Frederico Segalla, neste Município. Quadra nº 2889, lote nº 02.

Processo Administrativo nº 2011041040

Lançamento no Livro Tombo em 20 de dezembro de 2012, às fls. 046.

38. Antiga Residência Zandomeneghi

Localização: Rua Feijó Júnior, nº 953, Bairro São Pelegrino. Quadra nº 126, lote nº 40.

Processo Administrativo nº 2012031774

Lançamento no Livro Tombo em 28 de novembro de 2013, às fls. 047.

39. Cooperativa Vitivinícola Forqueta

Localização: Rua Luiz Franciosi Sêrio – Rede Ferroviária Federal S.A. - Forqueta. Quadra nº 3278, lote nº 01

Processo Administrativo nº 2011033368

Lançamento no Livro Tombo em 26 de dezembro de 2013, às fls. 049.

40. Antiga Residência e Cartório Balen

Localização: Rua Alfredo Chaves, nº 777 e nº 779, Bairro Centro. Quadra nº 050, lote nº 20

Processo Administrativo nº 2012038302

Lançamento no Livro Tombo em 10 de março de 2014, às fls. 050.

41. Antiga Cooperativa São Victor Ltda

Localização: Rua Dr. Augusto Pestana, nº 55. Quadra nº 1.740, lote nº 18.

Processo Administrativo nº 2011037410

Lançamento no Livro Tombo em 20 de março de 2015, às fls 051-2

42. Antiga Residência Sanvitto

Localização: Avenida Júlio de Castilhos, nº 1989. Quadra nº 013, lote nº 8 - Bairro Centro

Processo Administrativo nº 2014005892

Lançamento no Livro Tombo em 20 de maio de 2015, às fls. 053.

43. MAESA – Metalúrgica Abramo Eberle S.A – Fábrica 2

Localização: Ruas Plácido de Castro, Dom José Barea, Pedro Tomasi e Treze de Maio.

Processo Administrativo nº 201101667

Lançamento no Livro Tombo em 02 de junho de 2015, às fls. 054-6.

44. Antigo Hotel Casara

Localização: Avenida Rio Branco, nº 566. Quadra nº 0134, lote nº 8 - Bairro Rio Branco

Processo Administrativo nº 2015/42447

Lançamento no Livro Tombo em 30 de setembro de 2016, às fls. 057.

45. Hidráulica Municipal Borges de Medeiros

Localização: Rua Professora Viero, s/nº. Quadra nº 0831, lote nº 001 - Bairro Madureira

Processo Administrativo nº 2015/37131

Lançamento no Livro Tombo em 26 de dezembro de 2016, às fls. 058.

46. Antiga Residência Reisner/Nienow

Localização: Distrito de Vila Cristina

Processo Administrativo nº 2016/47879

Lançamento no Livro Tombo em 28 de dezembro de 2016, às fls. 059. Retificação às fls. 063.

47. Antiga Residência Rizzi

Localização: São Virgílio, Forqueta

Processo Administrativo nº 2016/47511

Lançamento no Livro Tombo em 29 de maio de 2017, às fls. 060 e 061.

48. Antiga Residência Sebben

Localização: Rua Os Dezoito do Forte, nº1652, Lote 08, Quadra 0043

Processo Administrativo nº 2015/47791

Lançamento no Livro Tombo em 29 de maio de 2017, às fls. 062.

49. Antiga Chácara Ungaretti

Localização: Rua Os Dezoito do Forte,

Processo Administrativo nº 2016/32031001 e 2017/23595001

Lançamento no Livro Tombo em 01 de dezembro de 2017, às fls. 064, 065 e 066

Sensibilização 5



rosana paulino
Paraíso tropical, 2017
Impressão digital sobre papel, linoleogravura,
ponta seca e colagem
48 x 33 cm
Cortesia da artista e Mendes Wood DM, São Paulo

Análises possíveis: os bens que a cidade escolheu para cuidar

A análise deste tópico se deu a partir da organização de pequenas pesquisas buscando identificar a origem e o propósito do bem se tornar protegido pela Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural (DIPPAHC) e, assim, passar a fazer parte da lista de bens tombados pelo Patrimônio Histórico e Cultural de Caxias do Sul.

A pesquisa revelou informações importantes acerca de cada um dos bens listados, como textos informativos, história das famílias, reportagens de jornais e revistas da região, o que permitiu a identificação e análise das relações com seus nomes e a etnia que os identifica.

Pode-se dizer que dos 49 bens relacionados pela Divisão de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultural, 25 foram pertencentes e memoram famílias italianas. Alguns bens são as residências de cada uma das famílias, já outros referem-se aos espaços profissionais, onde desenvolviam suas atividades laborais. Como, por exemplo a *Metalúrgica Abramo Eberle* e *MAESA – Metalúrgica Abramo Eberle S.A – Fábrica 2*, que além dos dois espaços profissionais, a residência da família também é tombada e escolhida pela cidade para ser protegida e cuidada.

Ainda há outros 9 (nove) espaços que são vinculados a Igreja Católica – espaços de fé – religião cultivada pelos imigrantes italianos aqui desembarcados. No somatório, são 36 espaços destinados a narrar as histórias dos imigrantes italianos que aqui chegaram.

Ainda foi possível evidenciar na relação da DIPPAHC dois clubes tradicionais da cidade. É importante evidenciar que ambos contam com históricos de proibição da participação de pessoas negras. Os clubes, a saber: Recreio da Juventude e o Clube Juvenil¹⁶.

Ainda se encontra, na listagem de bens tombados do *nosso* patrimônio: quatro (4) menções a sobrenomes de origem alemãs; dois (2) portugueses, um (1) polonês e um (1) espanhol.

Ainda há, entre os bens tombados, um restaurante que teve sua trajetória marcada e consolidada pela cultura gastronômica italiana.

Os espaços tombados que acolhem o Arquivo Histórico, o Museu Municipal, a Casa de Pedra e o Monumento ao Imigrante, com exceção do último, todos pertenciam a famílias italianas.

O único patrimônio tombado que não se refere (por mais que a essência do trabalho desenvolvido esteja intimamente ligado a isso) a cultura eurocêntrica é o Monumento as Moças Operárias. Destinado a homenagear operárias que foram vítimas de uma explosão ocorrida no contexto de fabricação de munição para a II Guerra Mundial.

Ficam algumas questões: Onde estão as memórias dos povos originários? E das demais etnias que são parte do território? O Clube do Gaúcho?

A análise da listagem dos espaços, de forma organizada, quando observada enquanto todo e cruzada com o problema de pesquisa, - *de que forma e em que medida o pensamento decolonial transpôs as narrativas eurocêntricas presentes no patrimônio tombado, nos espaços museais e de memória da cidade de Caxias do Sul?* – torna evidente que grande parte, ou praticamente a totalidade dos patrimônios tombados do território, enaltece a história da imigração europeia da serra gaúcha.

Quando buscamos ações referentes as vozes dos povos originários e/ou dos afrodescendentes, nos deparamos com eventos sazonais, organizados e, algumas vezes, comemorativos, não há no território, salvaguardada a expografia pertencente ao Museu Municipal, nenhuma expografia e ou exposição permanente para visitação.

No período do desenrolar desta pesquisa observamos algumas ações, ocorridas nas instituições tomadas para análise. A saber: houve uma exposição denominada: As cores do Axé, acolhida

¹⁶ Mais informações sobre a questão estão disponíveis em: CAREGNATO, L. A outra face: A presença de Afro-descendentes em Caxias do Sul 1900 a 1950. Caxias do Sul: Maneco, 2010. p.128.

pelo Museu Municipal de Caxias do Sul, em sua sala de exposições temporárias, o propósito era trazer referências, a partir das cores, de toda comunidade umbandista. A exposição trouxe a relação do elemento material *cor* com a produção de sentido na cosmologia umbandista. Conforme a antropologia, para compreender a cultura, deve-se observar como as ações e comunicações produzem sentido nos diversos grupos sociais. Toda semiótica religiosa, que passa também pela arte sacra, traz uma imbricada e metodológica rede de significados. A umbanda, religião originada em território brasileiro, estabelece conexões entre o mundo ecológico, o material e o espiritual. Nas palavras do curador: “Uma exposição como *As Cores do Axé*, acolhida e abraçada pelo Museu Municipal de Caxias do Sul traz a perspectiva de uma educação decolonial, compreensão da cultura como geração de significados entre os diversos grupos culturais que abarcam o seu regime de sociabilidade. Mais do que falar sobre fé, esta exposição implicou em falar sobre a produção de uma cultura religiosa numa cidade que, curiosamente, tem mais terreiros de umbanda do que a Bahia tem em Candomblé.

Já no Arquivo Municipal, houve uma roda de conversa com indígenas de diversas etnias, a pauta era o movimento de retomada, e as diversas e cruéis estratégias de silenciamento e apagamentos de suas vozes. O convite do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami chamava para participar da roda de conversa: Indígenas e contextos urbanos: apagamento histórico e retomadas na Serra Gaúcha, a atividade era alusiva a data que rememora os Povos Indígenas do Brasil.



Entre outras ações que ocorreram, está a roda de conversa, com mulheres negras, a primeira roda de conversa, fato destacado por todas e por cada uma das participantes. A roda de conversa foi organizada pelo Núcleo QUERER, da Secretaria Municipal de Educação. A escuta de cada palavra, desse momento, ainda ecoa em quem sou.

Cada mulher, a seu modo, em cada momento, em cada fala, carregava as evidências sobre a ausência de espaços de diálogos e possibilidades em seus cotidianos, as diferentes formas de discri-

minação, o racismo estrutural e institucional, o estranhamento da cidade em encontrar uma profissional preta, a descoberta do racismo na escola, a falta de referências, etc.

Assim, evidencia-se, a partir da pesquisa, que as referências tomadas para análise cumprem as premissas primeiras de suas criações, construir narrativas e histórias a partir de um único lugar.

Ainda que haja, genuinamente, um desejo de sair deste lugar, a maquinaria posta e os anos de falta de diálogos sobre essa temática, produziram um terreno difícil para articulações. As possibilidades e brechas abertas precisam ser ocupadas e fixadas. Em um território tão diverso, não há mais espaço para uma única narrativa.

Sensibilização 6



“Nós não temos um drama, temos uma luta!”

Sueli Carneiro

¹⁷ Detalhes da obra Parede de Memórias de Rosana Paulino. Foto: Fernanda Bertoldo. 35º Bienal de São Paulo.

Decolonizando o pensamento - Podemos olhar de um outro lugar. Qual o seu ponto de vista na produção de um modo de pensar?

Vozes-mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.*

*A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade*

Conceição Evaristo

Olhar para uma perspectiva que não seja eurocêntrica é temeroso e desafiador. Pensar através de outra possibilidade epistêmica carrega em si complexidades que não fizeram parte da maioria das trajetórias escolares, acadêmicas e frequentemente não estão imbricadas na vida cotidiana, portanto, podem não nos ter constituído.

Alcançar as brechas, escapar de uma única lógica que, por vezes, produz sempre uma mesma história é ter presente que tais produções não fazem parte dos monumentos da cidade, dos espaços de memória, das bibliotecas, das bibliografias dos cursos, dos processos de escolarização, desde a mais tenra idade.

Sendo assim, esta pesquisa abordou o marco teórico da decolonialidade nos espaços museais e de memória, mais pontualmente a questão da colonialidade do ser e do saber. Esta discussão está fundamentada com base na pesquisa e obra de autores latino-americanos, que olham de forma crítica para os efeitos das produções eurocêntricas na constituição dos indivíduos e de seus pensamentos. Movimento que ganha força nos espaços museais, haja visto que as temáticas e discussões postas pela Bienal do Mercosul e, principalmente pela 35ª Bienal de São Paulo – com algumas obras sensibilizando o leitor deste texto –.

Para Mignolo (2010), a decolonialidade tem por objetivo uma emancipação em relação aos ideais colonialistas da subjetividade através da formação de um novo pensamento com saberes locais. Discutir esse caráter colonial da modernidade exige estarmos atentos a algumas distinções. Por mais que num primeiro contato com os termos colonialismo e colonialidade possa parecer que os dois se refiram ao mesmo processo, há diferenças. Para Nelson Maldonado-Torres (2007) o colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui a tal nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se refere à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça, subjetivam a existência de um determinado povo, que por vezes é tomado como subalterno. Dessa forma, embora o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

Nesse cenário, a colonialidade está engendrada em quem somos, nos monumentos que contam a história de um determinado território, nas lógicas que assumimos em nossas vidas, no que produzimos e em como comunicamos o que produzimos. A colonialidade é um mecanismo forte do capitalismo de exploração, está instilada em toda cultura ocidental e foi intensificada pelo neoliberalismo.

Em alguns espaços, como a museologia por exemplo, há possibilidades de olhar para essas questões de uma forma mais crítica, ainda que por vezes apenas nas escritas dos documentos que legislam acerca dos processos e, nas intencionalidades das ações.

Atualmente a museologia busca se impregnar de outros sentidos, se desafiando em ações de combates às opressões materiais, simbólicas, raciais e de gênero, que resultam da colonização da subalternização dos povos e saberes. De acordo com Chagas,

Um dos desafios da museologia contemporânea e da Educação Museal, explicitamente assumido pela Museologia Social que também pode ser considerada uma Museologia Insurgente, nos termos de Boaventura de Souza Santos é romper com as camisas de força, com as práticas de domesticação e colonização, com a anestesia e o entorpecimento produzidos pela museologia colonialista que se estrutura em bases hierárquicas e patriarcais, que flerta com o racismo e o autoritarismo, que se considera pura, que valoriza a memória do poder e os monumentos que celebram a barbárie. (CHAGAS, 2017, P.126)

Na contemporaneidade precisamos tornar vivos os movimentos de resistência e criatividade dos povos indígenas e quilombolas, das comunidades populares urbanas e rurais, dos moradores das favelas e das chamadas periferias, que continuam mobilizando afetos políticos e afetos poéticos a favor da decolonização epistêmica, política, econômica, social e cultural. Talvez essa seja uma utopia, do gênero daquelas que perseguimos enquanto horizonte da caminhada, como Eduardo Galeano respondeu em uma determinada entrevista, e não como aquelas que colocamos no lugar do sonho.

Contra esses movimentos erguem-se, sistematicamente, os setores mais conservadores da sociedade brasileira, utilizando como argumentos a defesa da ordem e do progresso, do patrimônio privado e do desenvolvimentismo. (CHAGAS, 2017, P.127)

Na mesma esteira está a definição aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), em agosto de 2022 em Praga, capital da República Checa. O texto traz mudanças importantes com relação à definição que vigorava até agora, incorporando termos e conceitos relacionados a desafios

contemporâneos, tais como sustentabilidade, diversidade, comunidade e inclusão. A nova definição é a seguinte:

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivo, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.¹⁸

Neste horizonte, de busca e luta, há esperança que seja breve, em Caxias do Sul, que essa mudança ocorra. Sem dúvida há trabalhos em movimento (ainda que por vezes mais lento do que gostaríamos) avançando na direção de uma educação que coloca em conversa universos subjetivos e constrói outros universos possíveis, com mais democracia, cidadania, voz, corpo, participação, solidariedade e consciência crítica. Talvez seja pela Educação Formal que a cidade dê esse passo.

Não há mais tempo, tampouco motivos para reiteração de uma única narrativa. Nem em Caxias do Sul, nem na serra gaúcha, nem no Rio Grande do Sul, nem no Brasil. Todas as vozes precisam ecoar no campo social. Uma civilização que se relevou incapaz de resolver os problemas que o seu funcionamento produz é uma sociedade decadente. Fato é que a civilização dita *européia* – e aqui me coloco como parte, por ser uma mulher branca que também se beneficia de alguns privilégios – é incapaz de resolver dois dos principais problemas, segundo Césaire (2022), o problema do proletariado e o problema colonial. Problemas que produzem esse funcionamento social, fruto do colonialismo, submetido ao crivo da *razão*, assim como ao crivo da *consciência*, que cada vez mais se refugia numa hipocrisia que já não é capaz de iludir.

Que a luta não cesse; que os espaços sejam ocupados; que a decolonização passe pela atenção à Educação Museal, à Educação Formal; que os museus sociais e populares se espalhem; que a defesa da paisagem cultural e o direito a salvaguarda do patrimônio material e imaterial seja de todos. Na busca de um humanismo à altura do mundo.

18 Disponível em <https://www.icom.org.br/?p=2756> . Consulta realizada em 19 de dezembro de 2022.

Sensibilização 7

Diferença, sim, mas diferença
Dentro das fronteiras de suas terras, eles dizem
Domínio branco e a política de divisões étnicas

descolonização
como
beleza
e
ação



ceija stojka
ZS359, 1994
Pintura acrílica sobre papelão
70 x 100 cm
Coleção Pinault, Paris
Foto: Rebecca Fanelle

Referências

- AGLIARDI, Delcio Antônio. Rotas do Imaginário. Caxias do Sul: Liddo, 2018.
- BOAVENTURA, de Sousa Santos. Epistemologias do Sul. Coimbra: Edições Almedina. AS, 2009.
- BRASIL, Ministério da Cultura. Governo do Estado de São Paulo. Publicação Educativa da 35ª Bienal de São Paulo – Coreografias do Impossível. São Paulo, 2023.
- CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. Tradução. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- CÉSAIRE, Aimé. A Tragédia do Rei Chistophe, Discurso sobre o Colonialismo, Discurso sobre a Negritude. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- CHAGAS, Mário. Disponível em: <https://ecomuseus.wordpress.com/processos-museologicos-participados-na-lusofonia/brasil-processos-museologicos-participados/museus-e-patrimonios-por-uma-poetica-e-uma-politica-decolonial/> Acesso realizado em 29 de setembro de 2022.
- EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- GOMES, Fabrício Romani. Sob a Proteção da Princesa e de São Benedito – Identidade Étnica, Associativismo e Projetos num Clube Negro de Caxias do Sul (1934 – 1988). Jundá: Paco Editorial, 2013.
- KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- LOSURDO, Domenico. Colonialismo e Luta Anticolonial – Desafios da Revolução no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (eds.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-168. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfogueelcastrogomez.pdf> Acesso em 17 outubro de 2023.
- MIGNOLO, Walter D. Delinking. Cultural Studies, Online, v. 21, n. 2, p. 449-514, abr. 2007. Disponível em: http://waltermignolo.com/wp-content/uploads/2013/03/WMignolo_Delinking.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2023.
- MIGNOLO, Walter. Desobediencia epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Del Signo, 2010.
- PECHANSKY, Rafaela. Escritos Negros: Textos contemporâneos. Porto Alegre: TAG, 2021.
- POTIGUARA, Eliane. Metade Cara, Metade Máscara. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos, Online*, v. 17, n. 37, p. 4-28, 2002. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/NOR/NOR0237/NOR0237_02.PDF Acesso em: 12 de setembro de 2023.

ROSA, Sanny S. *Brincar, conhecer, ensinar*. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Histórias Lesbitransviadas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Taverna, 2022.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Doramar ou a odisseia*. São Paulo: Todavia, 2021.